Os Sertões nosso de cada leitor(a): desmontagem literária como resistência criativa

Elisabeth Silva de Almeida Amorim[1]

Introdução

Há quem acredite que estudos sobre Os sertões atingiram o ponto máximo, não tem mais nada a ser discutido, analisado ou revisitado. Um grande equívoco, porque desde a publicação do livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha em 1902, os olhares para os sertanejos e as sertanejas se intensificaram, transformando-os sujeitos de pesquisas acadêmicas, inspirações poéticas, protagonistas de romances, documentários entre outros. E falar sobre sertões, sertanejos (as) ou Antônio Conselheiro, sem dúvida, é também falar de re-existências, superações e das ações de desmontagens como parâmetros para a reinvenção de si.

Este texto tem como meta principal investigar o processo de desmontagem ocorrida com romance *Os sertões*, de Euclides da Cunha, nos manuais didáticos de Ensino Médio, como uma ação política e criativa do sujeito, para fazer com que o texto circule e se aproxime do leitor, neste caso, estudantes jovens da Educação Básica. É fato o constante distanciamento do leitor com determinadas obras, e falar do livro euclidiano que o elevou para o mundo literário é, de certa forma, falar de resistência, reinvenção de si e do outro. Primeiro, porque Euclides conseguiu uma obra literária totalmente híbrida, conforme Zilly (2022) a obra euclidiana transita pelas trilhas de ensaio, romance, relato histórico, crônica pessoal e até pelo discurso político. No entanto, acrescento mais características ao livro *Os sertões*, pois o vejo como obra literária elástica, desmontada e múltipla, com fronteiras abertas para os campos de conhecimentos a cada estudo realizado.

As mulheres desmontam com graça e ousadia Os sertões, e através das pesquisas criativas elevam, mais ainda, a vida do sertanejo e da sertaneja, a cidade de Canudos ou do grande escritor Euclides da Cunha devido notoriedade recebida desde a publicação. Assim, a nossa primeira discussão traz algumas dessas pesquisadoras femininas que rompem um cerco por muitos anos dominado pelo sexo masculino.

O segundo ponto sinalizado diz respeito a metodologia, porque provocar as desmontagens, conforme Derrida (2014), é desconstrução prazerosa. Para rever *Os sertões* nos manuais didáticos de Língua Portuguesa, Ensino Médio, cinco editoras foram selecionadas: Ática, FTD, Leya, Moderna e Saraiva; sendo três coleções da Ática, quatro da FTD, e uma coleção das demais editoras, totalizando trinta exemplares investigados. Pelo

[1] Doutoranda, Mestra em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus II, Alagoinhas. Orientador: Roberto Henrique Seidel, bolsista Capes.

viés da intersemiose, a literatura se une a outros signos e passa de uma formação discursiva para outra, até chegar aos espaços virtuais, graças aos avanços das tecnologias digitais.

Como os manuais didáticos de Língua Portuguesa trabalham a temática do livro euclidiano direcionada para Guerra de Canudos versus massacre dos sertanejos pelas forças militares, no final do século XIX (1896-1897), na cidade de Belo Monte/Canudos, sertão da Bahia, bem como os desdobramentos utilizados pelos sujeitos de criação, aqui representados por cinco editoras contempladas pelo Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD) para propagar ou ignorar a obra em discussão faz parte da nossa proposta.

Traços dos sertões na escrita de mulheres das letras

> Euclides da Cunha é desses grandes intelectuais que formam o lastro da nossa cultura letrada: complexo, ambíguo e apaixonante.
> (Iraci Simões da Rocha, 2007, p. 13)

A epígrafe sintetiza o que é trilhar os passos de Euclides da Cunha, um jornalista, escritor, intelectual que constrói e desconstrói uma narrativa aberta ao narrar a Guerra de Canudos, que além de tornar-se um fenômeno mundial, é também considerado ser humano complexo, ambíguo e apaixonante, conforme as palavras de Rocha (2017). O autor do livro Os sertões, mesmo cento e vinte dois anos depois de publicação, continua despertando olhares, apesar de exaustivamente analisado, revisto e criticado, continua servindo de inspiração para poetas, cordelistas, escritores e por que não falar das mulheres que bebem direta ou indiretamente das fontes euclidianas ao trazerem para o bojo das discussões traços, braços, pernas, cabeças ou mãos calejadas de sertanejos e sertanejas?

Rocha (2017) por exemplo, em sua tese de Doutorado intitulada “Imagens do intelectual Euclides da Cunha: permanências e deslocamentos”, defendida em 2016, pela Universidade Federal da Bahia – UFBA aborda como o livro Os sertões(1902) proporcionou ao autor uma posição de destaque no meio acadêmico, sendo o assassinato do escritor em 15 de agosto de 1909, no auge da fama, pelo suposto amante da sua esposa Ana Emília Sólon da Cunha, o Dilermando Cândido de Assis, o homem Euclides é elevado a condição divina pela própria imprensa. Para Rocha as identidades atribuídas a Euclides estão intimamente ligadas a recepção da sua obra prima e todas as suas complexidades.

> Os sertões era, portanto, a obra certa, no momento certo, uma vez que a nação ainda ressentia do trauma que foi a guerra de Canudos. Ademais, a cultura brasileira não registrara, até então, o lançamento de uma obra grandiosa, de caráter abrangente, plural e aberta à recepção consorciada da ciência e da arte.
> Desde 1896, os brasileiros, tomados por uma onda patriótica de defesa dos princípios republicanos e da ordem nacional, cobravam ações do exército para

> liquidar definitivamente a rebelião nordestina, já no final de 1897, com a queda de Canudos e a divulgação dos relatos sobre as atrocidades ali cometidas, ocorre uma virada de opinião pública.
> (ROCHA, 2017, p. 44)

Essa mudança de opinião em relação aos moradores de Canudos na época do conflito armado não foi uma ação pontual de um grupo, o próprio Euclides da Cunha transitou nos caminhos da dualidade discursiva. Devido os princípios republicanos defendidos, antes mesmo de conhecer o local, o sertão e sertanejos pintados nos jornais eram totalmente adversos dos apresentados ao escritor. No entanto, Euclides ao posicionar-se contrário as ações truculentas e arbitrárias do exército no seu livro mais famoso, não aceita rótulos de apoiador dos sertanejos ou acusador do exército.

Para Brose (2005), Euclides da Cunha traz a memória da Guerra de Canudos com traços da matriz francesa, numa elevada relação determinista entre o homem, o meio e a raça. Tais pensamentos colocam o sertanejo numa posição de subserviência e subalternizado em relação aos povos de outras regiões, principalmente os que moram no litoral. É fato, Euclides, apesar da aparente rebeldia desde a sua permanência no Exército, trouxe em suas convicções farpas do positivismo com a dosagem extra republicana. Isso contribuiu com que chegasse à Bahia revestido de preconceitos contra uma população pobre que se levantou em defesa a terra em que morava.

Outra pesquisadora que embrenha nos sertões descritos por Euclides da Cunha é Léa Costa Santana Dias, e a suposta rebeldia do autor não passa despercebido para essa estudiosa, ao buscar o consórcio entre a ciência e arte segue as trilhas percorridas por Euclides em terras baianas e amazônicas. Euclides da Cunha não se sentiu satisfeito com o rumo da República, não hesitou em criticá-la. Segundo Dias (2021, p. 18-19), Euclides da Cunha "sai de forma durante uma revista das tropas pelo Ministro da Guerra Tomás Coelho, e lança o sabre ao chão", motivado por uma revolta por não ser promovido, apesar das notas exemplares, período em que se encontrava cadete na Escola Militar, URCA, no Rio de Janeiro. Todavia o incidente foi atribuído a um esgotamento nervoso, e não foi punido, mas encaminhado para o Hospital Militar.

Assim como Dias (2021) aponta esse lado transgressor de Euclides, a pesquisadora Jailma dos Santos Pedreira Moreira traz a subjetividade das mulheres sertanejas como elemento basilar das suas pesquisas. Através da investigação de obras da escritora nordestina Rachel de Queiroz, Moreira(2016) inspira-se numa personalidade histórica do cangaço, a Maria Bonita da peça teatral *Lampião*, apesar de não ser a protagonista da peça, a mulher se destaca e ganha força. Uma força também encontrada nas mulheres moradoras do Belo

Monte, cidade construída a partir do ideal de comuna desenvolvido por Antônio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido como Antônio Conselheiro, no final do século XIX, no sertão baiano.

Na mesma direção de Moreira(2016) encontramos a pesquisadora Germana Gonçalves de Araújo que se destaca em seus estudos sobre a representação da mulher sertaneja, tendo como alvo a Maria de Déa, ou simplesmente a Maria Bonita, parceira do cangaceiro Lampião. Segundo Araújo (2020) a entrada de Maria Bonita no cangaço tornou-se um divisor de águas, porque a mulher "braba" construída no imaginário social foi desaparecendo gradativamente, até o bando do cangaço passou a ser visto com menos hostilidade pelas famílias sertanejas. No entanto a aparência de uma cangaceira ao encurtar os cabelos e renunciar adornos, contribuiu para a masculinização da mulher no cangaço, firmando o ideal simbólico de mulher construído ao longo da história, apesar de Chauí apontar a feminilidade ou masculinidade como construção social.

Leitor (a) do livro Os sertões: criando as linhas de fugas em rede reinventando novos sertões

Por muitas vezes fui questionada por estudantes o porquê de um manual didático padrão na escola se precisamos das linhas de fugas para que a leitura do texto e a interpretação fluam. A escola pública de Educação Básica traz o cenário peculiar, e é desse local de fala que assumo as práticas metodológicas de desmontagens utilizadas para a leitura de *Os sertões*, Euclides da Cunha (1902). Local com lacunas em biblioteca, laboratório de informática, mas sobra criatividade dos estudantes. Assim, como professora de Língua Portuguesa (Ensino Médio) a preocupação é extrair o máximo dos textos que aparecem de forma mínima nos manuais que chegam até os alunos. Quando iniciamos as leituras paralelas de textos complementares, em gêneros textuais diversificados, o estudante envolvido com o processo de aprendizagem responde o questionamento inicial através das próprias práticas leitoras assumidas.

A desmontagem literária perpassa por outros caminhos além dos textos fragmentados dos livros didáticos. A leitura, a desleitura, a discussão, a interpretação e a compreensão de um texto em consonância com outros textos e abordagens com temáticas afins. Queremos leitoras críticas, para tal, precisamos investir nas práticas metodológicas que aguçam a criticidade e a criatividade. Um dos sinais de alerta surgiu nos manuais didáticos quando a

discussão sobre do massacre ocorrido em Canudos, entre 1896-1897, se resume em fragmentos de *Os sertões* de Euclides da Cunha, com o tradicional texto "Canudos não se rendeu". Ao falar da expugnação palmo a palmo, estudantes da Educação Básica inferem, por falta de textos complementares, que Canudos deixou de existir. E isso não é verdade, mesmo destruída, anos depois surgiu o repovoamento, mais tarde enchentes, mas Canudos insiste, persiste e resiste ao fogo e as águas. Para Seidel "Escrever é dizer, redizer, desdizer, contradizer. Escrever a favor, escrever contra..." (Seidel, 2020, p. 118), e como os livros do Programa Nacional do Livro e Material Didático(PNLD) distribuídos nas escolas públicas discutem uma guerra orquestrada pelas autoridades governamentais da época nos inquieta.

As editoras selecionadas para análise nem sempre atendem as nossas expectativas enquanto professores de Educação Básica, nem como estudantes da temática nos manuais didáticos. A Editora Ática por exemplo, das três coleções (2005, 2011, 2013), apenas a primeira de autoria de João Domingues Maia[2] cita a questão de Canudos com foco em "fatores geográficos, raciais e históricos determinam ações dos jagunços rebeldes" , uma "rebeldia" que se estende ao falar do escritor de "Os sertões" enfatizando a expulsão de Euclides da Cunha na Escola Militar. Essa abordagem leva-nos a inferir sobre o silêncio como escudo para proteção, circulação e propagação dos manuais, o não comprometimento com a tragédia ocorrida em Canudos resulta numa tentativa de apagar um movimento literário e radical que antecedeu o Modernismo no Brasil: o Pré-modernismo. Todavia, deixando de citar Euclides da Cunha nos manuais didáticos, outros grandes escritores contemporâneos de Euclides como Monteiro Lobato, Augusto dos Anjos e Lima Barreto também ficarão de fora.

É interessante perceber que assim como há editoras que não discutem o massacre de Canudos, outras coleções investigadas trazem referências do ocorrido, seja através da especulação sobre a vida do autor Euclides da Cunha, registros fotográficos, charges, recortes de jornais, caricaturas, enfim, múltiplas formas de abordagens do tema em diferentes perspectivas artísticas. No caso da Editora FTD foram 4 coleções investigadas (2005/2013, 2010 e 2016), sendo a coleção "Esferas das linguagens" com a visão mais crítica acerca do fato em discussão. As autoras Campos e Assumpção(2016)[3] são felizes ao explorar, a partir do fragmento do livro *Os sertões*, a terra seca habitada por homens fortes. Em nenhum momento os sertanejos são descritos como os "rebeldes", "revolucionários" ou "monarquistas", adjetivos pejorativos frequentes em coleções de Língua Portuguesa de Ensino Médio.

---

[2] MAIA, João Domingues. Português. Volume único. São Paulo: Ática, 2005.

[3] CAMPOS, Maria Inês Batista. ASSUMPÇÃO, Nívia. Esferas das linguagens. 3o. ano, 1 ed. São Paulo: FTD, 2016

Esse diálogo entre a literatura euclidiana e outras artes presentes nos manuais didáticos, como a fotografia, a caricatura, o cinema, fez com que buscássemos *Os sertões* em rede. Investigássemos alguns sites e blogs literários em busca de novos textos originários da leitura Os sertões. E são tantos autores inspirados em Euclides da Cunha, entre eles: Aleilton Fonseca(escritor), Silvio Jessé (artista plástico), Antônio Olavo (cineasta) tiveram suas obras atravessadas direta ou indiretamente na questão de Canudos, seja na literatura, nas artes plásticas ou nos documentários respectivamente. Em todas as três modalidades há uma desconstrução da literatura para que outras artes fluam. Assim, os novos sertões surgem através dos pinceis, das esculturas, das poesias, do romance, dos cordéis. Porque Canudos vive! E através da intersemiose, defendida por Barthes (2001) a literatura não fetichiza nenhum saber, pelo contrário, ela faz girar os saberes e a semiosis é a força de liberdade da multiplicação de sentidos. E vimos literatura nas artes plásticas "Grito", "Fim", "Tocaia", de Silvio Jessé, encontramos *Os sertões* no romance *O pêndulo de Euclides*, de Aleilton Fonseca, bem como no documentário *Paixão e Guerra no sertão de Canudos,* de Antônio Olavo.

Sem dúvida, cada leitor ou leitora do livro *Os sertões* se constrói, desconstrói e reconstrói ao virar a página final. E a dinâmica da construção faz com que outros sertões sejam lembrados e propagados de diferentes manifestações artísticas, o próprio autor Euclides passou também por este processo de desconstrução. E Derrida ao ser entrevistado para falar sobre a desconstrução, ele nos fornece régua e compasso para seguirmos desmontando a literatura, a fim de que o texto se multiplique e atinja mais leitores, consequentemente mais leitor-autor. Porque para ele a desconstrução gera o prazer, o gozo para leitura/escrita, sendo que de forma alguma o ato de desconstrução desqualifica ou diminui o prazer do texto. Esse prazer é visível nas oficinas literárias desenvolvidas com estudantes de Ensino Médio, de igual modo, quando estes estudantes usam sites literários como Recanto das Letras e Toque Poético(blog e canal no You Tube) para propagação de produções autorais, frutos das desmontagens literárias.

Vídeos curtos, poesias, cordéis, grafite, caricaturas com abordagens afins circulam em espaços virtuais, construindo literatura para além dos manuais didáticos, sem engessamento de propostas pedagógicas, mas em rede, com intuito de interessados(as) possam não apenas praticar a leitura de *Os sertões*, mas aprender e apreender *Os sertões* em paródias, documentários, animações e até em outros romances, afinal a obra euclidiana é tão elástica que cabe não apenas em romance de Aleilton Fonseca, mas nas poesias, prosas, narrativas dos contadores e cantadores do sertão.

Desmontagem dos Sertões no livro didático: entre a ação política ou fuga do tema da Guerra de Canudos

> Enfim, arrasada a cidadela maldita! Enfim, dominado o antro negro, cavado no centro do adusto sertão, onde o Profeta das longas barbas sujas concentrava sua força diabólica, feita de fé e de patifaria, alimentada pela superstição e pela rapinagem. (BILAC, Olavo, 1996, apud ABAURRE, Maria Luiza M; ABAURRE, Maria Bernadete M; PONTARA, Marcela. Português: contexto, interlocução e sentido. V. 3, 2 ed. São Paulo: Moderna, 2013, p. 17)

Os rumores da Guerra de Canudos se estenderam por todo o país e rompeu fronteiras, e muitos jornais se posicionaram contra os sertanejos que lutavam para defender a terra, tais posicionamentos geraram e forjaram textos, bem como jornais de monarquistas sofreram retaliações, por deduzirem que Antônio Conselheiro e seus seguidores almejavam reimplantar o sistema monárquico no Brasil. Tais fatos, contribuíram para acirrar os ânimos a cada tentativa frustrada de derrotar Canudos. Somente na quarta expedição que tiveram êxito, com artilharia pesada contra uma população faminta e sedenta, já que durante o conflito o acesso ao rio foi cortado. Não foi por acaso que Olavo Bilac deixa seu registro em comemoração a destruição de Canudos, Bilac foi mais um contaminado pelo discurso único dos jornais que atacavam Canudos, Antônio Conselheiro e os conselheiristas sem conhecimento de causa.

Geralmente, as interpretações contraditórias geram dúvidas acerca do fato narrado, e nos manuais didáticos quando os fragmentos do livro Os sertões aparecem acompanhados de outros textos verbais ou imagéticos, contribuem de forma significativa com a nossa pesquisa de abordagem qualitativa, sob o viés da intersemiótica e a formação de leitores e leitoras. Uma das imagens muito comum nos manuais analisados trata-se de uma pintura intitulada " O reformista", do cearense Descartes Gadelha(1945), representando Antônio Conselheiro ao centro, com manto azul, barbas longas, em uma das mãos a enxada e na outra mão uma cruz, cercado de pessoas com expressões cadavéricas, robotizadas, rostos virados para o alto. Ela faz parte da coleção "Cicatrizes submersas" para representar o conflito bélico ocorrido em Canudos. As cicatrizes com o fogo deixaram feridas abertas, nem as águas represadas com a construção do açude em Cocorobó conseguiram apaga-las.

Sem dúvida, a leitura da pintura de Gadelha exige do leitor um conhecimento prévio sobre o contexto de Canudos para além da Guerra. Porque a imagem sem explicação alguma não é autossustentável, mesmo porque se os manuais resistem em falar de uma guerra ocorrida há mais de 120 anos, o que dizer da cidade ressurgida das cinzas voltar a desaparecer, dessa vez devido a barragem que represou o rio Vaza-barris? A pintura traz a

história de Canudos, narrativa contada e recontada por uma infinidade de pesquisadores, artistas e anônimos em geral, todavia até parte de 1950 o texto básico e dominante para a questão Canudos, foi Os sertões.

Um outro diálogo entre a literatura euclidiana e outras artes se faz presente nas caricaturas de Pereira Neto (1897), sendo Antônio Conselheiro o alvo de escárnio mediado por um discurso de ódio. Como a imagem a figura do líder religiosa em frente aos canhões, munido de cajado numa das mãos, com os braços abertos, nos manuais investigados a imagem traz a autoria, o marco histórico da Guerra de Canudos(1897) e a informação que a caricatura foi criada para atender a Revista Ilustrada, todavia encontra-se disponível na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. É mais uma imagem que aparece nos manuais didáticos para ilustrar um episódio sangrento, e de certa forma revela como os jornais analisaram o evento de Canudos e a quem atribuíram a responsabilidade. Os canhões estão posicionados como se brotassem do chão, numa vã tentativa de isentar um lado e culpabilizar outro pela tragédia do final do século XIX.

São muitos silêncios e lacunas presentes nos manuais didáticos de Língua Portuguesa, porém uns silêncios interrompidos através de produções artísticas, culturais, literárias nos espaços virtuais como pano de fundo a questão de Canudos. Artes de estudiosos, pesquisadores, cineasta, poetas mas também de anônimos performáticos como estudantes de Ensino Médio da pequenina cidade de Iaçu, Chapada Diamantina. Para Souza (2021) o tema é inesgotável e serviu de influência a toda arte brasileira do século XX. Assim, quanto mais os manuais didáticos de diferentes autores/ editoras fogem do tema como estratégia política, mas nos instigam a buscá-lo a partir das táticas inventivas utilizadas nos processos de desmontagens que saem dos manuais através das caricaturas, fotografias, pinturas entre outras artes. Galvão (2022) discorre sobre o destino dado ao cadáver de Antônio Vicente Mendes Maciel, ou Antônio Conselheiro, ação movida pelo ódio alimentado pela teoria da conspiração. Assim, fechamos momentaneamente o texto, porque a discussão se prolongará por muitos séculos, graças as desmontagens de leitores e leitoras.

> O cadáver de Antônio Conselheiro, que morrera de doença no dia 22 de setembro, pouco antes do final, foi exumado. Sua cabeça foi cortada e levada para a Faculdade de Medicina na Bahia para ser autopsiada, com a intenção de descobrir-se a origem de seus descaminhos, o que, segundo, rezavam as teorias lombrosianas então em vigor, podia ser inferido a partir das dimensões do crânio e da dissecação do cérebro. Entretanto, o laudo oficial furtou-se a apresentar alguma conclusão definitiva, adensando o mistério, para desapontamento de quantos queriam responsabilizar algo palpável, como a anatomia do líder.
> (GALVÃO, 2022, p. 23)

REFERÊNCIAS

AMORIM, Elisabeth S.A. **Desmontagem literária na educação básica:** modos de criar, modos de combater e anular dispositivos de poder. Novas Edições Acadêmicas – Omni Scriptum GmbH & Co.KG: Saarbrucken/Niemcy – Alemanha, 2016.

ARAÚJO, Germana Gonçalves. A representação masculinizada de Maria Bonita na gravura do folheto de cordel do século XX. In: LIMA Caroline de Araújo; BRITTO, Clovis Carvalho; MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira MOREIRA. **Outros olhares sobre o sertão** nordestino. Salvador: Eduneb, 2020..

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia do Colégio de França. Tradução Leyla Perrone – Moisés. São Paulo: Cultrix, 2001. Pronunciada em 7 de janeiro de 1997.

BITTENCOURT, Solange Torres. **Livro didático de português:** diagnóstico de uma realidade. artigo de demanda contínua. Educar em revista, Setor de Educação. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, disponível em https://www.scielo.br/j/er/a/8bHZGPncJGc894B983X4wqC/?lang=pt# Acesso em 06/09/2022.

BROSE, Elizabeth R. Z. Os sertões e os jagunços: memórias da guerra. In; GOMES, Gínia Maria (org.) **Euclides da Cunha: literatura e história**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. **Leitura Literária na Escola**: desafios e perspectivas de um leitor. Salvador: EDUNEB, 2012.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. 1ed. Barueri - SP: Ciranda Cultural, 2018.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DIAS, Léa Costa Santana. **Euclides da Cunha em terras baianas e amazônicas**: impressões de um viajante sobre sertões brasileiros e outros espaços. Salvador: EDUFBA, 2021.

FONSECA, Aleilton. **O pêndulo de Euclides**. Romance. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
JESSÉ, Silvio; FONSECA, Aleilton. **Belo Monte/Canudos:** A terceira margem. Salvador: ALBA, 2019.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Os sertões, um olhar sobre os seus 120 anos. **Pontos de Interrogação**: revista de crítica cultural. Dossiê: Revisitar Canudos, reinventar o Brasil. Alagoinhas: UNEB/ Fábrica de Letras, v. 12, n. 2, jul.-dez, p. 8-25, 2022. Disponível https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/issue/view/725 acesso em 20 de fevereiro de 2023.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. **Sob a luz de Lampião**: Maria Bonita e o movimento da subjetividade de mulheres sertanejas. Salvador: Eduneb/Edufba, 2016. 209 p.

OLAVO, Antônio. **Paixão e Guerra no sertão de Canudos**. Diretor e roteirista Antônio Olavo. Documentário. 1993. disponível In: https://www.youtube.com/watch?v=4rnFi9auXYE acesso em 20 de set. 2021.
ROCHA, Iraci Simões da. **Imagens do intelectual Euclides da Cunha**: permanência e deslocamentos. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador: Instituto de Letras, 2006.
SANTOS, Osmar Moreira dos. **A luta desarmada dos subalternos**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2016.

SEIDEL, Roberto Henrique. As materialidades do texto na contemporaneidade: deslendo os conceitos de leitor, autor e obra. In: FÉLIX, José Carlos; SALVADORI, Juliana Cristina. **Desleituras -** ***o autor e o leitor no jogo do texto.*** (org.) 1. ed. Curitiba - Appris, 2020, p. 173.

SOUZA, Lícia Soares de. A poética do ciclo canudiano. In: **O guardador de inutensílios**. Cadernos de cultura. Universidade Católica Dom Bosco. N. 7, Campo Grande: UCDB, 2004.

ZILLY, Berthold**. Convivendo com os sertões** – experiências e reflexões de um estudioso alemão. Pontos de Interrogação. 2022.